

O bruxo de Cosme Velho

Academia Sorocabana de Letras faz programação especial pelo centenário de morte de Machado de Assis



Machado de Assis aos 25 anos

Daniela Jacinto

Diziam que o escritor Machado de Assis colocava um caldeirão no jardim de sua casa, em Cosme Velho, no Rio de Janeiro, e queimava todos os escritos e documentos acumulados. Por isso, ficou conhecido como o bruxo de Cosme Velho. Como homenagem ao mestre, o poeta Carlos Drummond Andrade chegou até mesmo a dedicar-lhe um poema: "A um Bruxo, com Amor". Considerado um dos mais estudados, discutidos e respeitados escritores da língua portuguesa, Machado de Assis será homenageado amanhã pela Academia Sorocabana de Letras, data em que completam-se exatamente cem anos de sua morte. A "1ª Jornada de Estudos Machadianos", que conta com o tema "Do Jornalismo ao Romance. A trajetória de Machado de Assis", tem início às 15h e será realizada até as 19h, na sede da entidade. Participam do encontro os acadêmicos Benedito Walter Marinho Martins, Geraldo Bonadio, Myrna Ely Atalla Senise da Silva e José Rubens Incao. Na oportunidade, serão abordadas várias facetas do escritor, como sua vida, seus textos jornalísticos, os romances e os contos.

Benedito Walter Marinho Martins, que ocupa a cadeira número 13, de Machado de Assis, na Academia Sorocabana, falará um pouco sobre o conteúdo do livro que publicou em 1990, "Esse Machado de Assis...", sobre a vida e obra do escritor. Durante a palestra, o público poderá conhecer algumas particularidades do mestre da língua portuguesa e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, entidade que ajudou a fundar juntamente com outros escritores. "Ele era orgulhoso, queria esconder a pobreza e tinha mania de grandeza. Por isso, escondia coisas dos amigos, como sua origem, e também a doença que tinha. Ele sofria de epilepsia, mas nunca pronunciou o nome dessa doença. Tive um câncer na língua que o levou à morte, mas não falava sobre isso. Ele dizia que tinha uma afta", conta.

Para Benedito, Machado de Assis era assim um pouco por timidez também. "Ele era reservado, não gostava de expor sua vida particular. Era gago, não conseguia falar em público, e avesso à badalações. Outra curiosidade sobre ele é que amava tanto a esposa que quando morreu não quis deixar os livros nem para a Academia. Ele não queria que os livros que Carolina tinha manuseado caíssem nas mãos de mais ninguém. Foi um capricho dele, vamos dizer assim".

A próxima palestra tem início às 16h, com Geraldo Bonadio, sob o tema "O texto jornalístico de Machado de Assis". Conforme Geraldo, a idéia é conversar com as pessoas um pouco sobre a época em que o escritor viveu e construiu

"Ele amava tanto a esposa que quando morreu não quis deixar os livros nem para a Academia. Ele não queria que os livros que Carolina tinha manuseado caíssem nas mãos de mais ninguém", explica Benedito Walter Marinho Martins

sua carreira literária. "Antigamente, a literatura começava necessariamente no jornalismo. Primeiro porque o jornalismo da época era um tanto diferente. Havia uma proximidade entre o jornalismo e a literatura, sobretudo havia espaço para um gênero que hoje não existe mais, que é a crônica. E o Machado de Assis passou por todos os setores do jornalismo, fez política, abordava os assuntos do dia-a-dia... Inclusive vou apresentar um texto dele que fala de um sujeito que foi preso nas proximidades de Sorocaba".

Geraldo Bonadio também pretende mostrar como Machado retratava alguns acontecimentos da época, com a ironia que tinha. "Ele foi um crítico muito severo da escravidão e às vezes injustamente tem gente que fala que ele não tocava nesse assunto". Ainda de acordo com Bonadio, presidente da Academia Sorocabana de Letras, essa jornada literária sobre a obra de Machado de Assis tem como objetivo chamar um pouco da atenção do público para a obra do escritor, que continua muito atual. "Eu, particularmente, gosto do mergulho que ele faz no comportamento humano. Machado trata de alguns temas que deveriam ser assustadores para a época. Sob o mote da ironia, ele fala de coisas muito sérias. Ler Machado é uma grande experiência e as pessoas, às vezes, não se permiti-

tem, achando que o Machado é um autor que trata de coisas superadas".

Romances e contos

"Observador da vida, da sociedade e de si mesmo, Machado de Assis criou personagens magníficas e firmou as letras brasileiras no panorama da literatura mundial. Há muito se busca entender a obra machadiana. Os estudos não param. As pesquisas persistem e ampliam-se. Grande em sua época, esplêndido hoje, inesquecível sempre. Machado, sem medo de cometer exageros, é um fenômeno das letras mundiais. E é brasileiro", afirma a professora e acadêmica Myrna Ely Atalla Senise da Silva, que começa sua palestra às 17h. Na ocasião, Myrna falará sobre "Aprendizagem, maturidade e apogeu no romance de Machado de Assis".

A professora acredita que criaram um estigma para Machado de Assis, como criaram para Dante, mas na verdade nenhum dos dois são complicados de ler. Para aqueles que pensam ser uma leitura não muito apropriada para os jovens, Myrna deixa o recado: "Os jovens podem ler o que quiserem, depende do nível que estão de leitura. Aqueles que tiverem um nível bom, vão amar os romances. E qual a fase de ler Dom Casmurro senão a fase em que o jovem está apaixonado, que

já entende o que é o ciúmes? É uma leitura que incomoda o jovem, o aspecto doentio do ser humano chama a atenção, então tudo isso atrai", afirma. Conforme ela, o professor precisa, nessa fase da juventude, estimular a leitura com contos de Machado. "Neles estão as características de como se deve escrever, como não repetir, ser enxuto, sucinto. Ler Machado é essencial para qualquer pessoa que queira adquirir o gosto pela leitura e a capacidade de escrever bem, porque ele ensina isso".

Obra polêmica e discutida muito até hoje, "Dom Casmurro" já foi objeto de diversas teses e pesquisas. Para Myrna, Bentinho não soube ser feliz. "A chave do mistério do livro está no próprio título. Ele era um casmurro, Capitu que mostrou a ele que a vida existia, que ele precisava viver, porque Bentinho nasceu assim, e voltou a ser assim, não conseguiu ser feliz", conclui Myrna. A professora aproveita para revelar que possui um material raro sobre Machado de Assis, publicado em 1939 pelo Ministério da Educação e Saúde, em comemoração ao centenário de nascimento do escritor, quando foram editados apenas cem exemplares.

Questionada sobre os romances que indicaria para leitura, Myrna cita "Memorial de Ayres", "Quincas Borba" e, claro, "Dom Casmurro".

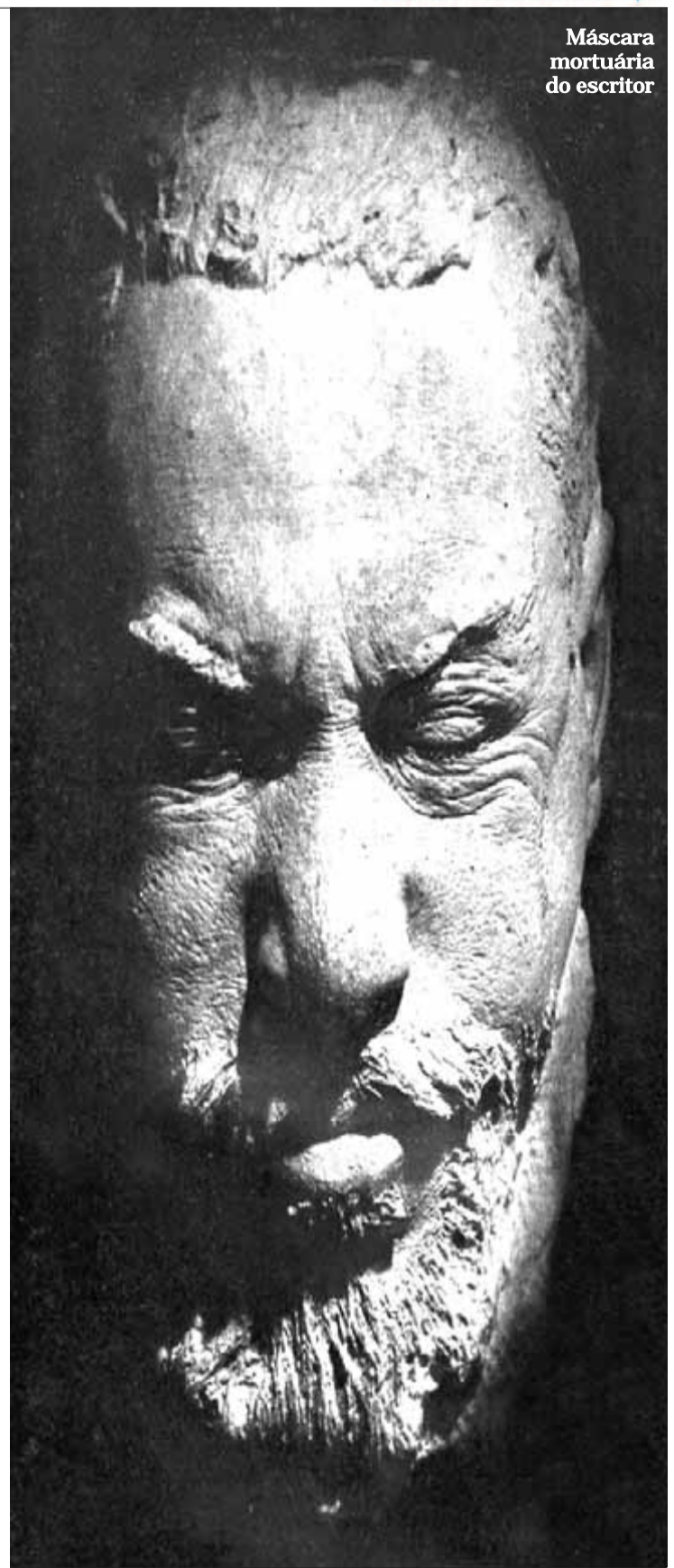
Encerra a programação da jornada a palestra do acadêmico José Rubens Incao, a partir das 17h45, sobre "O mapeamento da alma humana nos contos de Machado de Assis". José Rubens afirma que o mais fantástico nos textos do escritor é a descrição que faz da alma humana. "Ela é descrita sempre com um lance de pessimismo, de fatalidade. Todas as personagens que criou, por mais mérito que possam apresentar, toda ação, por mais positiva que aparente, sempre tem um interesse por trás. O grande mote das ações das personagens dele é o egoísmo, a vaidade, e tudo isso faz com que os personagens se combatam durante a vida, mas o resultado é nenhum".

Conforme José Rubens, os contos de Machado são verdadeiras jóias, de fácil assimilação. "Machado é um mestre da Língua Portuguesa. Escreve com maestria, com elegância, com propriedade. E mostra pra gente todas as feridas, mas também não fala se é certo ou errado. Deixa essa liberdade crítica ao leitor. Outra observação é que o escritor faz em sua obra muitas citações, de Shakespeare, Cervantes, e da própria Bíblia, o que obriga o leitor a fazer uma outra leitura. O que ele mostra muito é o desconcerto das coisas, das pessoas, e que para analisar alguém, o ideal é observar a pessoa em diferentes momentos, diferentes circunstâncias, diferentes olhares. Enfim, a obra de Machado é aberta e permite infinitas discussões". Os livros de contos que indica são "Esaú e Jacó", "O Alienista" e "Missa do Galo".

Vale lembrar que também o Gabinete de Leitura Sorocabano presta homenagem a Machado de Assis, dedicando ao escritor uma série de atividades que seguem até o dia 30 como exposições, jogral, sarau, palestras e bate-papo com escritores.

SERVIÇO

"1ª Jornada de Estudos Machadianos". Amanhã, das 15h às 19h, na Academia Sorocabana de Letras (rua Comendador Oeterer, 737). Entrada gratuita e aberta a todos os interessados. Outras informações: (15) 9777-2432, com Myrna. As atividades no Gabinete de Leitura (praça Cel. Fernando Prestes, 21, Centro), podem ser conferidas na segunda e terça-feira, a partir das 14h. Outras informações: (15) 3231-1683.



Confira alguns trechos de livros de Machado de Assis:

A professora de Língua Portuguesa e acadêmica Myrna Ely Atalla Senise da Silva faz alguns comentários sobre trechos importantes de livros de Machado de Assis. Acompanhe:

De "Memorial de Aires", destaque para a ironia sobre políticos e reconciliações bem atuais:

"A reconciliação eterna entre dois adversários eleitorais devia ser exatamente um castigo infinito. Não conheço igual na Divina Comédia. Deus, quando quer ser Dante, é maior que Dante."

Dedicatória tétrica, macabra de "Memórias Póstumas de Brás Cubas":

"Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas."

Estrutura perfeita. Construção magnífica de frases. A dor contida no escape do mundo, mas não de si mesmo, em "Dom Casmurro":

"Escapei ao agregado, escapei a minha mãe não indo ao quarto dela, mas não escapei a mim mesmo. Corri ao meu quarto, e entrei atrás de mim. Eu falava-me, eu perseguia-me, eu atirava-me à cama, e rolava comigo, e chorava, e abafava os soluços com a ponta do lençol."

A ironia do poder, em "Quincas Borba":

"Ao vencedor as batatas! Não a compreenderias antes do testamento; ao contrário, vimos que a achou obscura e sem explicação. Tão certo é que a paisagem depende do ponto de vista, e que o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão."

Ironia do tempo ou do nada, em "Esaú e Jacó":

"O salto é grande, mas o tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo, uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo. Também se pode bordar nada. Nada em cima do invisível é a mais sutil obra deste mundo, e acaso do outro."

Em crônica de 1896, o peso da criação do mundo e da morte:

"Qualquer um de nós teria organizado este mundo, melhor do que saiu. A morte, por exemplo, bem podia ser tão somente a aposentadoria da vida, com prazo certo."

PROMOÇÃO ASSINATURA ANUAL

Fazendo uma assinatura Anual e pagando com cartão de crédito à vista ou em 3 vezes você ganha um Kit Tábuas de Carne Tramontina e um *Kit Revistas. *Promoção válida até durarem os estoques."

CRUZEIRO DO SUL
DISK ASSINATURA (15) 2102-5111